

"TODO DIÁRIO É UM QUARTINHO": UMA LEITURA DE CAROLAYNE, CAROLINA E AS HISTÓRIAS DO DIÁRIO DA MENINA (2021), DE SIMONE MOTA

"EVERY DIARY IS A LITTLE ROOM": A READING OF CAROLAYNE, CAROLINA E AS HISTÓRIAS DO DIÁRIO DA MENINA (2021), BY SIMONE MOTA

Júlio César de Araújo Cadó  0000-0002-3304-8022
Programa Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
julio.cado.704@ufrn.edu.br

Maria Regina Soares Azevedo de Andrade  0000-0003-2411-8938
Programa Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
regina0azevedo@gmail.com

Juliane Vargas Welter  0000-0002-4475-4096
Departamento de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
juliane.welter@ufrn.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13601304>

Recebido em 26 de março de 2024

Aceito em 20 de abril de 2024

Resumo: A literatura infantojuvenil é uma categoria de difícil definição dentro dos estudos literários. Isso, no entanto, não restringe a variedade de textos inscritos sob essa rubrica, ainda mais no cenário contemporâneo, marcado pela emergência de autorias, temáticas e materialidades do livro infantojuvenil. Tendo em vista tal horizonte de produção, este artigo propõe uma leitura analítico-interpretativa do livro *Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina* (2021), de Simone Mota, na qual se busca evidenciar os dispositivos estruturais e diegéticos que enformam o livro, considerando, para isso, o tratamento material do objeto, a elaboração de uma narradora criança e os diálogos intertextual e intergênero, principalmente a partir da retomada dos escritos diarísticos de Carolina Maria de Jesus. Na narrativa de Mota, percebe-se como esses elementos confluem de modo a funcionar como potenciais atrativos para o leitor, friccionando a visão estigmatizada que ainda recai sobre esse conjunto de textos. Ademais, ao recuperar a escrita e a figura da autora de *Quarto de despejo* [1960], o livro redimensiona o lugar de Carolina no imaginário do leitor em formação e na memória cultural brasileira.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil contemporânea. *Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina*. Simone Mota. Carolina Maria de Jesus.

Abstract: Children's literature is a difficult category to define within literary studies. This, however, does not restrict the variety of texts included under this heading, even more so in the contemporary scenario, marked by the emergence of authorship, themes and materialities of children's books. With such a production horizon in mind, this article proposes an analytical-interpretive reading of the book *Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina* (2021), by Simone Mota, in which it seeks to highlight the structural and diegetic devices that shape the book, considering, for this, the material treatment of the object, the elaboration of a child teller and the intertextual and intergender dialogues, mainly from the recovery of the diary writings of Carolina Maria de Jesus. In Mota's narrative, it is clear how these elements converge in order to function as potential attractions for the reader, rubbing against the stigmatized view that still affects this set of texts. Furthermore, by recovering the writing and figure of the author of *Quarto de despejo* [1960], the book resizes Carolina's place in the imagination of the developing reader and in Brazilian cultural memory.

Keywords: Contemporary Children's literature. *Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina*. Simone Mota. Carolina Maria de Jesus

1. Introdução

No contundente ensaio “Infância de papel e tinta”, a professora e crítica literária Marisa Lajolo (1997) realiza um percurso extensivo pela literatura brasileira de modo a desvelar, nos quase cinco séculos abarcados em duas dezenas de páginas, certa visão de infância que seria marcante em nossas letras. Tendo em vista essa orientação diacrônica, a incursão da autora – uma das mais importantes pesquisadoras da literatura endereçada para crianças e jovens do país – inicia-se pelo vislumbre da infância relatada na carta de Pero Vaz de Caminha [1500] ao rei de Portugal, Dom Manuel, no século XVI, e desemboca na voz de Chico Buarque ao cantar a coreografia sincopada – “Olerê” – de um “Pivete” [1978] em fuga pelas ruas do Rio de Janeiro – “Olará”.

Em oposição à visão idílica que cerca o mito da infância como momento recoberto pela aura da felicidade, Lajolo (1997) apresenta no ensaio outro viés interpretativo acerca da tônica da representação da criança na literatura brasileira. Para ela, esse período divinizado ocupa local à margem, sendo substituído, em contraponto, pela configuração da infância como etapa da vida marcada pela tristeza e pela melancolia:

Várias vertentes da literatura brasileira surpreendem pela presença significativa de crianças ao longo de suas páginas, quase sempre em scripts que invertem radicalmente a representação idílica da infância casimiriana, substituindo a visão ingênua e idealizada por imagens amargas e duras (Lajolo, 1997, p. 233).

Apesar das nuances que se verificam nessa trajetória, consequência da relação dialética estabelecida entre texto literário e sociedade (Candido, 2019), que atua como modalizadora das maneiras como a vida social é enformada na materialidade linguística da obra, a infância escrita no Brasil tem sido elaborada predominantemente como alteridade, um outro do discurso adulto – semelhante à vivência de grupos sociais minorizados. Nesse sentido, dizendo ainda com Lajolo (1997), “por não falar, a infância *não se fala e, não se falando*, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam”, logo, “a infância é sempre definida *de fora*” (Lajolo, 1997, p. 230, grifos da autora).

Nota-se que as obras investigadas pela professora são heterogêneas do ponto de vista da categoria editorial em que são enquadradas. A princípio, romances como *Iracema* [1865], de José de Alencar, e alguns poemas de Manuel Bandeira [1921] referenciados no ensaio não são inseridos no conjunto dessas literaturas endereçadas, o qual convencionamos chamar de literatura infantojuvenil. Diferentemente do também citado universo lobatiano do *Sítio do pica-pau amarelo* [1920-1947], a maior parte dos textos apresentados por Lajolo não foram configurados de modo a alcançar um leitor particular, qual seja, a criança ou o adolescente.

Essas duas etapas de constituição do ser humano não se resumem a parâmetros de ordem biológica e cognitiva, considerações estas baseadas na maturação corporal e no desenvolvimento racional-emotivo. A esses traços da estrutura formativa dos sujeitos, aliam-se elementos sócio-históricos, uma vez que, embora o amadurecimento seja um fenômeno natural, a interpretação desse processo é atravessada pelo reconhecimento simbólico e culturalmente compartilhado dos estágios dispostos na linha do tempo de nossas vidas. Somam-se, ainda, fatores de natureza política e jurídica assegurados pelos dispositivos legais. No Brasil, tais elementos são principalmente representados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (2022), promulgado na década de 1990.

Para Marta Pinheiro (2007), enquanto grupos sociais, as visões de infância e adolescência que carregamos na atualidade têm precursores com origem definida no espaço-tempo. Para a infância, essas coordenadas apontam para o século XVIII e a emergência da burguesia, etapa balizada pelas ações complementares de duas instituições sociais, a família e a escola, sendo a esta imputada a função de auxiliar os pais na integração social dos filhos. Já a adolescência teria despontado no horizonte do século XIX, atrelada à valorização do corpo, tanto com relação à beleza quanto à potencialidade e ao vigor físico. No entanto, apenas em meados do século XX, a imagem cristalizada que temos do adolescente apareceria, muito influenciada pela disseminação da figura do “rebelde sem causa” dos produtos culturais.

No conjunto de categorias de não adultos, um dos parâmetros que delimitam a distinção entre a criança e o adolescente é, mais uma vez, o espaço escolar. Historicamente, a criação da escola seriada, que ocupou o lugar dos grupos escolares, auxiliou na compartimentalização desses segmentos sociais. Nesse sentido, conforme Pinheiro,

a construção de categorias, referentes às fases da vida, permite maior controle dos indivíduos. Enquadrados nelas, os indivíduos devem apresentar comportamentos, sentimentos, gostos e hábitos compatíveis com os que foram definidos como determinantes da categoria a qual fazem parte. Como construções sociais, essas definições são instáveis, mudam com o tempo (Pinheiro, 2007, p. 73).

Evidenciar os imbricamentos presentes na constituição desses grupos sociais é importante, pois são índices que permitem visualizar a elaboração do leitor em potencial dos textos dos quais nos ocupamos neste trabalho, isto é, da categoria literária chamada infantojuvenil. Originalmente, as obras destinadas a esses públicos coincidiam com aquelas que tinham ampla circulação dentro dos espaços de educação formal, sendo, desse modo, utilizadas como instrumentos de uma ação pedagógica na sala de aula.

A discussão acerca da pertinência do estabelecimento desse nicho dentro do sistema literário é complexa e, por vezes, paradoxal. Para Teresa Colomer (2017), por exemplo, esses textos são aqueles que permitem a introdução de sujeitos duplamente em formação, como leitores e como cidadãos, ao universo letrado. Por outro lado, autores como Maria Teresa Andruetto (2012) apresentam desconfiança com relação ao uso indiscriminado dessa terminologia, sobretudo em contextos nos quais o adjetivo perde o caráter descritivo e cede lugar à prescrição imposta sobre os limites da criação imaginativa.

Nesse sentido, não tencionamos minimizar as ponderações colocadas pelos dois lados da discussão, assumindo, em tom categórico, a potencial (in)existência de textos reconhecidos como infantojuvenis. Procuramos desenvolver nossa análise tendo em vista tanto o uso de procedimentos composicionais afins à recepção de um leitor em potencial, que está em processo formativo, como também atentos às possíveis amarras provenientes dessa pré-concepção, pois, como afirma Andruetto (2012, p. 61), “de tudo o que tem a ver com a escrita, a especificidade de destino é o que mais exige um olhar alerta, pois é justamente ali que mais facilmente se aninham razões morais, políticas e de mercado”.

Para este artigo, elegemos como corpus de leitura interpretativa o livro *Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina* (2021), da escritora carioca Simone Mota. Lançado pelo selo Malê Mirim, braço da editora Malê dedicado à publicação de textos para crianças e jovens, a narrativa é organizada em duas partes complementares que se expressam no formato físico do objeto. As tradicionais

“orelhas” do livro, aqui, têm sua materialidade reinventada: por um lado, funcionam exatamente como “orelhas” de um livro comum, antecipando a sinopse de uma parte¹; por outro, trazem comandos (“Comece aqui”, “Continue por aqui”), recurso certamente inovador. Ademais, também se configuram como uma espécie de subcapa, a abertura de duas histórias distintas que se complementam. Ao abrir o livro para a esquerda, temos uma narrativa em terceira pessoa protagonizada por Carolayne, uma garotinha que encontra em uma feira de livros a obra *Quarto de despejo* [1960], de Carolina Maria de Jesus. Já ao abrir o livro para a direita, temos acesso à escrita pessoal de Carolayne em seu diário, carinhosamente chamado de “Quartinho”.

Considerando os desdobramentos das discussões acerca da literatura infantojuvenil realizados na contemporaneidade, a obra de Mota apresenta um feixe diversificado de aspectos que podem ser investigados. A materialidade do livro – este objeto manipulável –, a intertextualidade estrutural e diegética com os escritos de Carolina Maria de Jesus, a construção de uma enunciadora infante – ser etimologicamente sem voz – na narrativa e a relação intergênero entre o romance e o diário são alguns vetores a partir dos quais se pode adentrar na análise dos diálogos entre Carolayne e Carolina.

Na leitura desenvolvida neste artigo, tencionamos incorporar diferentes elementos contemplados por essa enumeração de perspectivas. Além desta seção introdutória em que buscamos situar as discussões concernentes ao universo da literatura infantojuvenil, considerando, para isso, o cenário atual de ampliação e diversificação de autorias, nosso artigo desenvolve-se por mais três partes. Na seção a seguir, realizamos uma leitura interpretativa do livro de Mota, tendo em vista os movimentos composicionais da narrativa em diálogo com categorias de leitura atreladas ao texto infantojuvenil propostas por Colomer (2017), as quais permitem visualizar a interseção entre as dimensões formais e sociais. Na sequência, aprofundamos o cotejo entre o livro de Simone Mota e a escrita de Carolina Maria de Jesus, principalmente a partir do livro citado *Quarto de despejo*. Ao final, reiteramos a inclusão de novos vetores no campo da literatura infantojuvenil que se materializam na obra em análise.

2. O diário da menina

Enquanto elemento paratextual que se interpõe, em um primeiro momento, entre o leitor e a história narrada, o título da obra de Mota aponta, de entrada, para um fator estruturante para a composição da trama: o diálogo intergênero. Isso se dá, sobretudo, devido à presença do diário de Carolayne como parte integrante do livro. Recuperando, novamente, a divisão bipartida, enquanto identificamos um narrador em terceira pessoa, na primeira parte, que assume o papel de instância enunciadora dos eventos que cercam a menina e sua singular descoberta da literatura; na segunda parte, é a própria Carolayne quem ocupa a função de sujeito da enunciação discursiva.

Nesse sentido, percebemos como a narrativa se organiza, também, como a materialização de uma forma de “escrita de si”, para retomarmos a categoria abrangente pensada por Michel Foucault (1992). Para o filósofo, esses modos de dizer articulam-se como gestos de intimidade por meio dos quais “o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um *companheiro*, ao suscitar o respeito humano e a vergonha” (Foucault, 1992, p. 130, grifo nosso). Apesar de não se deter, especificamente, à análise

¹ A orelha esquerda, por exemplo, tem viés essencialmente informativo: “Comece aqui! Tem uma história muito legal esperando por você aqui. A história de Carolayne, que quer muito... Ih, chega de spoiler. Siga nossa sugestão e comece por aqui para conhecer essa história” (Mota, 2021, n. p.).

do gênero diário, consideramos pertinente pensar o espaço da escrita diarística a partir da criação de um parceiro de papel com quem se pode partilhar os pensamentos, as percepções, e mesmo “aqueles segredinhos, que no fundo, lá no fundo mesmo, esperamos que alguém descubra” (Mota, 2021, p. 24).

O uso de passagens de diários na produção literária endereçada para crianças e jovens é um procedimento recorrente. Considerando a posição comum de objeto e nunca de sujeito que essas categorias sociais ocupam nos discursos oficiais, a inserção desses “escritos de si” em textos literários engendra outros modos pelos quais se efetiva o agenciamento e a subjetivação. Em análise da novela *Limite Branco*, de Caio Fernando Abreu, Valim e Nava (2019, p. 189) reconhecem a instalação do discurso em primeira pessoa de uma voz não adulta como um operador capaz de sondar “os movimentos da alma [da personagem], atenuar os perigos da solidão e fugir da futilidade dos dias comuns” típicos do mundo e do ponto de vista adulto. Além disso, para as pesquisadoras, uma consequência possível decorrente dessa escolha composicional é a aproximação entre texto e leitor visado (Valim; Nava, 2019).

Nada mais sintomático dessa postura do que o movimento comum de dar início à cada página do diário com o vocativo cristalizado “Querido diário...”. No caso de Carolayne, mesmo esse aspecto é permeado, do ponto de vista linguístico, pela colocação em primeiro plano da singularidade da menina que, como muitas crianças de nosso mundo referencial, é tomada pela dúvida e pela indecisão. Inicialmente, ela pensa em chamá-lo de “Diário de uma princesa”, depois, muda de ideia e escreve “Diário de uma garota comum”, até decidir-se, enfim, por “Quartinho” – nome do qual, como indicado, depreendemos reverberações sentimentais e sociais na construção da personagem. Essa forma de proximidade inscreve no livro o caráter afetivo que pode ser deflagrado do contato entre esse objeto e seu leitor, uma vez que

A relação entre o leitor e a leitura aparece cerceada pelo objeto-livro, num relacionamento, comparado a afinidades humanas, construído de sentimentos de afetividade, de cumplicidade, de companheirismo, de intimidade e de proximidade. E na relação leitor-leitura, intermediada pelo livro, surge sentimentos de pertencimento, de propriedade, de desejo de posse, de (in)satisfação, ansiedade ou (in)completude (Goulart; Ferreira, 2015, p. 14).

Apesar da separação estrutural entre as partes do livro, ambos os segmentos são imprescindíveis para a construção da narrativa, pois abarcam momentos distintos dentro do tempo cronológico da vida da protagonista. É perceptível que a disposição dos movimentos dentro da obra se alinha de modo a conjugar, de maneira sequencial, os eventos narrados. Nesse sentido, as páginas atribuídas a Carolayne dão prosseguimento às ações apresentadas pelo narrador heterodiegético que inicia o livro, desdobrando, assim, acontecimentos apenas mencionados superficialmente na primeira parte e que, consequentemente, ganham densidade ao passarem pelo crivo marcado do ponto de vista da menina.

No dia 04 de março, vigésimo dia registrado em seu diário, Carolayne conta que visitou, junto à sua mãe, a biblioteca comunitária, onde Dona Matilda trabalha:

[...] Minha mãe e Dona Matilda gostaram e aproveitaram. Não respeitaram muito aquele quadro que avisa que biblioteca é lugar de silêncio. Aliás, acho isso um pouco exagerado. Porque às vezes o riso, o espanto e outras sensações acabam saindo da gente quando estamos lendo. Quando isso acontece, Dona Matilda não reclama. Ela costuma só apontar para o aviso e sussurra um “segura a emoção”.
(Mota, 2021, p. 47).

No trecho destacado, é possível perceber que a escrita diarística de Carolayne – na verdade, de Mota (2021) – se assemelha à de Carolina, pois mistura relatos do dia a dia, em tom mais narrativo, e reflexões sobre as experiências vividas, como a relação com a leitura – capaz de despertar “o riso, o espanto e outras sensações”. Chama a atenção, também, o olhar sensível da criança, que se empolga com a amizade em desenvolvimento entre sua mãe e Dona Matilda e que reconhece a benevolência da senhora.

Ponto constante no diário de Carolayne é a leitura de *Quarto de despejo*. Em vários momentos, a menina se diz ansiosa para ler a obra, momento em que fica junto à sua mãe:

07 de março

Dia 23, terça-feira

[...] Estou ansiosa com o dia de amanhã. Eu e mamãe já lemos boa parte do livro da Carolina Maria de Jesus. É muito bom ter esse momento de leitura com a mamãe. Não sou professora, mas acho que ela já melhorou um pouco desde que começamos. E não faz nem um mês que isso aconteceu. Não é demais?

Será que os amigos da escola da mamãe vão gostar de saber da história da Carolina Maria de Jesus? Ler muda a gente. Queria ajudar mais pessoas a ler. (Mota, 2021, p. 50).

Vê-se, desse modo, que são indissociáveis a leitura do livro e a leitura com a mãe, ainda em processo de alfabetização. Cada momento junto ao romance e à mãe une curiosidade e afeto; e a cada dia, página, Carolayne avança na história escrita por Carolina, enquanto a sua mãe vai ganhando habilidade de leitura e a relação entre as duas se fortalece. Algumas passagens do diário desvelam o transbordar da emoção, situando em primeiro plano a dimensão afetiva implicada no contato com o texto literário: “Eu e mamãe choramos (disfarçadamente), como se alguém estivesse nos observando. Parecia até cena de novela, nenhum barulhinho, só a lágrima descendo dos olhos” (Mota, 2021, p. 35).

As páginas do diário de Carolayne compreendem um intervalo de tempo razoavelmente curto, apenas cerca de um mês. Contudo, no período recuperado pela narrativa, localiza-se uma das principais festas do Brasil: o Carnaval. Mesmo esse período festivo é envolto pelo universo da leitura: Dona Matilda propõe um baile de carnaval. Carolayne tem a ideia de se vestir de Carolina Maria de Jesus, momento em que o livro introduz uma importante reflexão sobre as implicações sociais relacionadas à escolha de fantasia de Carnaval:

Queria ir vestida de Carolina Maria de Jesus. Mas minha mãe não aprovou a ideia. Mamãe disse que mesmo ela sendo personagem da sua própria história, ela era uma pessoa, existiu de verdade. Aproveitou e conversou comigo também sobre as fantasias de índio, nega maluca e tantas outras que podem ferir a identidade das pessoas. Foi uma conversa boa.

Não sei se chegamos a alguma conclusão sobre o assunto da conversa, mas eu decidi trocar de fantasia. Fui vestida de Mary Poppins! (Mota, 2021, p. 40).

Após expressar sua ideia inicial de fantasia, Carolayne é advertida. Pela voz de sua mãe, a menina e o leitor são alertados das implicações éticas envolvidas nesse processo de transformar o rosto de uma pessoa em uma máscara. Na narrativa, essa reflexão é ampliada de modo a permitir a consideração, também, acerca do tratamento

dispensado a alguns grupos sociais minorizados. Como consequência de estigmas historicamente construídos, certo discurso hegemônico normalizou, por bastante tempo, uma visão estereotipada desses segmentos, esvaziando, conseqüentemente, essas subjetividades nas camadas mais superficiais de uma fantasia. Apesar da mudança, a literatura se mantém como domínio imaginativo para a menina na figura de Mary Poppins – personagem clássica da literatura infantojuvenil transposta para as telas do cinema e para os palcos musicais.

A categorização de uma obra como parte da biblioteca composta pela literatura infantojuvenil constitui um território de disputa e de discussão entre as diversas instâncias legitimadoras do campo literário, como professores, críticos, escritores, editores e demais agentes envolvidos na produção, na circulação e na permanência de textos. A reflexão acerca dessa tipificação da literatura passa, por vezes, pela projeção de funções sobre os textos. Esses aspectos funcionais, contudo, não se confundem com a redução do texto a modelos enrijecidos e utilitaristas.

Para Colomer (2017), dentro de uma comunidade, a literatura infantojuvenil é imbuída de, ao menos, três funcionalidades, a saber: propiciar o contato com um repertório imaginário em constante atualização, permitir a assimilação de protocolos de leitura pertinentes para o texto literário e auxiliar no processo de socialização. Apesar da especificidade aplicada pela pesquisadora, no entanto, os traços apresentados poderiam, ainda que modalizados, ter seu lastro de aplicação ampliado para o território de uma literatura desadjetivada, isto é, sem a delimitação apriorística do público leitor.

Além da construção de uma voz infantil, do hibridismo de gêneros discursivos e, em caráter menos interpretativo e mais factual, a ficha catalográfica, o livro de Simone Mota (2021) se articula, do ponto de vista discursivo e estrutural, de modo a recuperar os traços inventariados por Colomer (2017). Devido a esses aspectos, na sequência, passamos a considerá-los como categorias as quais tomamos como parâmetros para esta etapa do percurso analítico.

Desenvolvendo o primeiro traço elencado, Colomer o compreende como a capacidade atribuída ao texto literário de produzir e reelaborar imagens. Para ela, “a literatura recria constantemente estes temas e motivos e as novas formas podem passar então a ser conhecidas e compartilhadas pela coletividade” (Colomer, 2017, p. 21). Na história de Carolayne, tanto nos momentos em que desempenha apenas o papel de personagem quanto ao assumir a função de narradora, identificam-se elementos que atuam como índices do repositório cultural e imaginário, do qual o diálogo com a obra de Carolina Maria de Jesus é representativo. Na passagem a seguir, por exemplo, Carolayne revela as suas expectativas quanto a um diário “de verdade”:

Não fica triste não, meu quartinho, vou continuar conversando com você mesmo sem você ser um diário de verdade. Queria muito que você já fosse um diário como aqueles que eu vejo nas papelarias. Um monte de folhas em branco coladinhas umas nas outras com cheirinho gostoso de coisa nova (Mota, 2021, p. 27).

Além dos aspectos materiais, que Carolayne tenta incessantemente atingir, ao personalizar o seu diário com decorações variadas, a narrativa deixa ver uma expectativa compartilhada socialmente em relação à função do diário: o de ser um espaço confessional e, portanto, privativo:

Carolayne, o que é isso aí?
Um diário!
Quem te deu isso?
Eu fiz.
Deixa ver.
Mas... Mãe, diário é pessoal (Mota, 2021, p. 18).

A visão proibitiva em relação à leitura e à escrita do diário, então, parece advir desse entendimento compartilhado na sociedade do gênero como um espaço em que afloram a subjetividade e o relato, mas também confissões, segredos, coisas que não devem ser ditas (sobre coisas que não deveriam ser vividas). Assim, negar o acesso de uma criança ou adolescente a um gênero desse tipo parece ser encarado como equivalente a impedir que acessem experiências de algum modo contraditórias (ou difíceis de digerir, por exemplo), suas ou de outras pessoas.

Com relação à segunda função, formalmente delimitada como “a aprendizagem da linguagem e das formas literárias” (Colomer, 2017, p. 26), entende-se o alinhamento desse aspecto a traços pragmáticos comumente atrelados à literatura infantojuvenil. Tal compreensão decorre da função atribuída a esses textos de introduzir o leitor em formação a certos usos da linguagem considerados pertencentes ao universo literário, os quais chamamos de protocolos de leitura. Esses aspectos correspondem aos modos e posturas específicos requeridos para se portar frente ao texto ficcional.

Em *Carolayne, Carolina*, identificamos uma série de elementos materiais e discursivos que atuam de forma a traçar encaminhamentos quanto à manipulação do objeto-livro e, mais afim ao aspecto funcional focalizado, aos modos de leitura do texto. Além de construções que carregam certo traço didático dentro da narrativa, por exemplo, ao recuperar informações sobre gêneros textuais, fatos da história do país ou ainda algumas particularidade da autora de *Quarto de despejo*, a obra de Mota também apresenta ao leitor jovem noções terminológicas caras à teoria da literatura. Um exemplo desse procedimento está posto na fronteira entre as duas partes do livro, em que a voz narrativa dirige-se, explicitamente, ao leitor em potencial e delimita as diferenças cabíveis entre ela e a autora, instâncias que, comumente, distanciam-se dentro de um texto ficcional, como lemos na passagem seguinte:

Essa história poderia terminar aqui. Vou contar um segredo de escritora que eu descobri.

Antes que você, leitora ou leitor[,] pense que eu sou a escritora, eu aviso que não. Eu sou apenas uma narradora. Alguém que a escritora elegeu para contar essa história que você acabou de ler no capítulo anterior. Nenhuma novidade, né?

O segredo: a escritora tem problemas com o ponto final. Nem todos. Talvez todos em algum momento de alguma história que está escrevendo.

É nesse instante de dúvida que os escritores deixam os narradores decidirem se continuam ou não a história.

Eu disse que sim, e logo voltei atrás. Tarde demais. A escritora concordou imediatamente. Então, seguiremos com a história de Carolayne. Você pode nos acompanhar ou dizer não e escrever fim na página anterior. Deixamos um espaço lá para isso (Mota, 2021, p. 22).

Desde o surgimento da categoria, a literatura infantojuvenil foi utilizada como ferramenta de difusão de comportamentos, valores e ideologias aceitas e valorizadas, alçando a escola ao patamar de instituição responsável pela integração dos jovens a esses modelos sociais. Nesse sentido, pode-se pensar, então, que a literatura infantojuvenil foi tomada, a princípio, como aquela cujo uso foi condicionado a um instrumento de uma ação pedagógica. Por isso, Pinheiro (2007, p. 71) argumenta que

“esse novo gênero literário contribuiu para a formação moral das crianças e para a definição de um determinado tipo de infância, a infância burguesa, que passou a ser naturalizado como o único existente, o modelo considerado ideal”.

Ecoando, ainda, a característica precursora desses textos, Colomer (2017) reconhece como terceira função da literatura infantojuvenil a promoção do contato com paradigmas de socialização referentes a comportamentos relativos a marcadores sociais, dos quais gênero e geração/faixa etária são dois exemplos proeminentes. Esse aspecto desponta em *Carolayne, Carolina* como umas das linhas principais de formação da trama narrativa. Afinal, a suposta interdição dos diários de Carolina como objeto de leitura da menina funciona como força motriz do jogo de esconde-esconde que ela monta para se safar do ato proibitivo.

Assim que escolhe o *Quarto de despejo*, o desejo e a curiosidade da menina recebem a interdição adulta, a partir da fala de Dona Matilda, a bibliotecária: “– Carolayne, esse é um livro para adultos” (Mota, 2021, p. 6). Carolayne consegue convencê-la dizendo que apenas utilizaria o livro, já desgastado, para escrever por cima, mas a caminho de casa antecipa uma nova interdição, a da mãe. A menina tenta se convencer de que, como fizera com a bibliotecária, conseguiria driblar a mãe, antecipando suas respostas: “Ela sabia que era um livro para os adultos. Para ela seria apenas um diário. Foi o que ela prometeu a Dona Matilda” (Mota, 2021, p. 7).

O desafio era esconder o livro da mãe, mas também impedir que ela percebesse que se tratava de um “livro de adulto”. “Pensou em esconder debaixo do infantil que trazia junto. Achou arriscado. [...] A primeira ideia que lhe veio à cabeça foi esconder sob a camiseta” (Mota, 2021, p. 8); depois, no quintal, perto da janela; por fim, Carolayne acaba escondendo o livro atrás de pedaços de papelão e madeiras que estavam espalhados no quintal. Quando entra em casa, também não convence a mãe de que só trouxe aquele livro, mas outra censura toma a cena: quando vê Carolayne diante de seu “tesouro” (o arsenal de objetos descartados, que ela recolhe para transformar em novos, e posteriormente personalizar seu diário), a mãe dela afirma: “– Isso não serve para nada, filha. Para com essa mania de catar lixo por onde passa. Você vai ficar conhecida como a menina do lixo por aqui” (Mota, 2021, p. 11), juízo reafirmado mais adiante na narrativa: “– Você e esses lixos...” (Mota, 2021, p. 15).

Assim, observamos um jogo entre o mundo infantil, marcado pela criatividade e pela ausência de preconceitos (Carolayne não se afligiu com a possibilidade de ficar conhecida como “a menina do lixo”; onde os adultos veem lixo, ela vê “tesouros”), e o mundo adulto, em que a censura e a interdição estão presentes mesmo em relações afetivas genuínas, como a de mãe e filha, e de jovem leitora e bibliotecária.

Para os adultos, vozes de poder dentro do texto, aquele livro não condiz com o que é “próprio” para uma criança, sendo, por isso, visto com um olhar cauteloso. Desse modo, a narrativa de Mota reencena no papel um ideal higienizador que, por vezes, cerca a literatura infantojuvenil, pois, como nos alerta Andruetto (2012, p. 59, grifos nossos), “atribui-se à literatura infantil a inocência, a capacidade de adequar-se, de adaptar-se, de divertir, de brincar, de ensinar e, especialmente, a condição central de não incomodar nem desacomodar”.

A compreensão dessa produção como um conjunto palatável, cujo denominador comum é encontrado pelo signo do menos, revela uma percepção estigmatizante da literatura endereçada, deslocando-a para as margens do sistema literário. Como contraponto a essa leitura fortemente estereotipada, a atenção dispensada a esses textos permite depreender as potencialidades inventivas mobilizadas na construção dessas obras.

3. Do *Quarto de despejo* ao “quartinho”

Em seu ensaio intitulado “O direito à literatura” (2017), Antonio Candido defende a literatura, compreendida em seu aspecto mais amplo, como um direito universal. Candido retoma os conceitos de “bens compressíveis” (tidos como supérfluos) e “bens incompressíveis” (tidos como essenciais) e chama a atenção para a dificuldade de fixar o que é essencial ou não. É fato que isso constitui uma questão política delicada, pois quem define é, via de regra, quem não sofre privações. Nesse sentido, o estudioso assevera que, desde a infância, é preciso ter consciência que “os pobres e desvalidos têm direito aos bens materiais (e que portanto não se trata de exercer caridade), assim como as minorias têm direito à igualdade de tratamento” (Candido, 2017, p. 177).

Para a pesquisadora Luciana Paiva Coronel (2014, p. 271-272), *Quarto de despejo* é um exemplo cabal da assertiva de Candido, pois revela “não apenas a voz de uma mulher pobre, preta, mãe solteira por três vezes, favelada e semianalfabeta”, mas “o talento da autora na reconstrução textual da rotina de privações sofridas na favela do Canindé”. São flagrantes os momentos em que os escritos de Carolina Maria de Jesus corroboram a visão de Candido (2017), ao retratar a visão de uma mulher que, mesmo privada de direitos básicos tidos como essenciais, busca acessar outros direitos, como o de ler, escrever, imaginar e criar.

Em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, Carolina narra sua vida entre 1955 e 1961. Apesar do que o subtítulo sugere, estamos diante de um romance, e não de um simples diário ou relato de experiências vividas. Conforme apontam Pureza e Welter (2018, p. 132), no livro, “Seguindo a tônica do relato da rotina, acompanhamos seu dia a dia repetitivo e suas reflexões sobre ser e estar naquele universo. Não são poucos os comentários sobre política ou sobre seus vizinhos, sobre ser mulher negra ou sobre estar na favela, o ‘quarto de despejo’ da cidade de São Paulo”.

Coronel (2014) chama a atenção para a capacidade da autora de narrativizar as experiências vividas, e destaca como exemplo a imagem, construída por Carolina Maria de Jesus, da fome como uma vertigem amarela. Inúmeros trechos desse e de outros livros da autora fazem ver o forte tom poético de sua narrativa, que olha simultaneamente para as mazelas da sociedade, com um viés crítico e denunciatório, e para o que há de belo na vida. O lugar conferido à escrita e à leitura é simbólico nesse sentido, pois os gestos de aproximação com a palavra ocorrem não em um mundo apartado, da fantasia, mas em meio à fome, à falta de perspectiva e a inúmeras preocupações consigo e com seus filhos. Como sintetizam Pureza e Welter (2018, p. 149), o hábito de ler e escrever de Carolina reside “entre os trabalhos domésticos intermitentes de cuidado e o trabalho de catar papel para a sobrevivência”.

Uma relação também muito próxima com a leitura e a escrita, embora em contexto material diferente, é encontrada no livro *Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina*. A obra está dividida em duas partes, como já exposto. Na primeira delas, temos acesso a uma narrativa que se inicia no momento em que Carolayne, uma menina curiosa, leitora voraz, descobre na biblioteca um exemplar de *Quarto de despejo*. Ao que parece, o alerta de que seria um livro impróprio para sua idade aumenta a curiosidade e o interesse da menina. Apesar de prometer à bibliotecária, Dona Matilda, que não leria o conteúdo do volume, apenas se valeria do exemplar velho para criar um diário para si, customizando-o, Carolayne exclama, quando a mãe antecipa de que se trata a obra: “Caramba, mãe! Deve ter muita história nesse livro” (Mota, 2021, p. 20). Essa parte, da esquerda, se encerra logo após a menina ganhar permissão para ler o livro.

Já a segunda parte do livro, localizada à direita, reúne 30 dias de registros no diário de Carolayne, entre os meses de fevereiro e março. Se a escrita diarística de Carolina Maria de Jesus se voltava a um cotidiano que envolvia trabalho doméstico, cuidado com os filhos, escassez ou ausência de suprimentos básicos para alimentação e limpeza, e ao trabalho de catar lixo para garantir a sobrevivência, a personagem Carolayne, criada por Simone Mota, tem outras preocupações em seu cotidiano de criança em idade escolar, como o fato de a escola não “imprimir” na semana do Carnaval: “[...] Nem preciso dizer que estou quebrada por ter acordado cedo para ir à escola depois desses cinco dias sem aula. Nem sei por que as escolas não enforcam esses dois dias e transformam o carnaval em uma miniférias [...]” (Mota, 2021, p. 45).

Enquanto Carolina catava lixo para buscar sua sobrevivência e de seus filhos, Carolayne cata o que é considerado lixo na rua e em casa, guarda os itens em um baú que chama de “tesouro” e, posteriormente, usa-os para personalizar seu diário:

Puxou um pequeno baú de plástico debaixo de sua cama e o abriu. Tesoura, papel, cola, miçangas, sobras e mais sobras de tudo que ela encontrava pelo caminho, jogado nas ruas ou em casa, feito lixo.

Carolayne guardava aquele seu tesouro a sete chaves, e a duras broncas da sua mãe, que insistia que ela se desfizesse daquilo tudo (Mota, 2021, p. 11).

Essas são apenas algumas entre tantas características que nos permitem verificar a intertextualidade estabelecida entre os dois livros, de Simone Mota e Carolina Maria de Jesus. Outras são mais explícitas, a exemplo de quando, ainda na primeira parte do livro, sabemos que a avó de Carolayne havia morado na favela do Canindé na mesma época que Carolina. É por isso que, quando vê a expressão “Diário de uma favelada”, subtítulo do livro *Quarto de despejo*, a mãe de Carolayne sabe do que se trata. Inicialmente, adverte a filha de que aquele é um “livro de adulto”, mas, como ela própria não sabe ler, acaba cedendo aos pedidos da menina e permite que ela leia, sob a condição de ler junto à mãe: “Assim você me ajuda. Aprender a ler não está sendo fácil” (Mota, 2021, p. 20).

São muitas as aproximações entre a menina escritora e a mulher escritora. Uma delas é uma “coincidência” sugerida na última página escrita no diário por Carolayne, no dia do seu aniversário. Com alguma facilidade, o leitor desconfia e confirma, em uma breve pesquisa: Carolayne e Carolina nasceram no mesmo dia, 14 de março. Talvez o mais simbólico deles seja a reinvenção do quarto de despejo, um lugar reservado, na sociedade brasileira, majoritariamente, às mulheres negras pobres que trabalham e residem, integral ou parcialmente, na casa dos patrões, ocupando funções de cozinheira, empregada doméstica, babá, entre outras. Esse espaço também é chamado de “quartinho”, “quartinho da empregada”, “quartinho dos fundos”, entre outras variações, em alusão ao seu tamanho propositadamente menor do que os demais quartos da casa ou do apartamento. Para Luiza Bairros (2020, p. 213), desempenhar o trabalho de empregadas domésticas “permitiu à mulher negra ver a elite branca a partir de uma perspectiva a que os homens negros e nem mesmo os próprios brancos tiveram acesso”.

É indispensável, portanto, levar em consideração a dimensão violenta e desumanizadora que o próprio nome sugere, pois o espaço é representativo de como a elite brasileira trata seus subalternos: como um despejo, obrigando-lhes a conviver entre “o que não serve mais”, como será retomado por Mota (2021). Entretanto, em *Carolayne, Carolina*, o “quartinho” é a forma como uma super jovem leitora e escritora – uma menina que está descobrindo uma nova obra enquanto, simultaneamente, ajuda sua mãe no processo de alfabetização – chama o seu diário. Nas palavras da narradora,

Todo diário é um quartinho. Um espaço pessoal, privado, reservado para guardar coisas que não nos servem mais e ao mesmo tempo das quais não queremos nos desfazer. Aquele cantinho escondido de todos, sempre fechado, escondendo a bagunça que desejamos organizar. [...] Espaço perfeito para deixar pequenas lembranças para eternizar. [...] (Mota, 2021, p. 24).

Além do diálogo explícito entre as narrativas de Carolayne e da mais referenciada obra de Carolina Maria de Jesus, é necessário apontarmos outra intertextualidade a ser colocada em evidência, pois a autora de *Quarto de despejo* tem um livro de tom memorialístico no qual a protagonista é uma criança – já citado por Marisa Lajolo (1997). Referimo-nos ao *Diário de Bitita* (2014), que, apesar de ter sido publicado apenas postumamente no Brasil, em 1986, engloba, na diegese, o intervalo cronológico da infância de Carolina, ainda na cidade mineira de Sacramento.

Diferente dos registros sobre o cotidiano na favela do Canindé, cronologicamente demarcados, as memórias da criança, reconstruídas a partir do amálgama entre o olhar adulto e o olhar infante nas páginas do *Diário*, organizam-se em capítulos sem data, mas que seguem os anos de formação da protagonista até a migração para São Paulo. Assim como Carolayne alcança, pela leitura, sucessivas aprendizagens sobre a história dessa autora quase homônima e, paralelamente, sobre sua própria família; pelo olhar de Bitita, Carolina elabora as descobertas de um mundo cindido onde ainda se pode encontrar o encantamento pela palavra.

4. Considerações finais

Uma visada panorâmica pelos meandros dos estudos literários permite observar que, de forma majoritária, o olhar de pesquisadores, críticos e historiadores se deteve, principalmente, em apontamentos direcionados para dois aspectos: por um lado, o autor, tecendo análises que levam em consideração traços históricos e biográficos, ou, por outro lado, a materialidade da obra, vertente representada pelas diferentes correntes teóricas preocupadas com a imanência do texto. De figura marginalizada, no entanto, o leitor foi galgando protagonismo entre as perspectivas de interpelação do texto. Esse aspecto, um dos vértices do triângulo sobre o qual se assenta o fenômeno literário, torna-se ainda mais evidente quando se pensa nas formulações que cercam o leitor criança ou adolescente. Assim, torna-se relevante o desenvolvimento de arcabouço teórico e crítico sistematizado para efetuar a devida mediação acerca desse *corpus*, principalmente ao se evidenciar o espaço escolar.

O trabalho com a literatura infantojuvenil não é dos mais simples. Na verdade, desde a definição, essa categoria é construída como uma verdadeira corda bamba, em estado ininterrupto de tensão. Afinal, o conceito do que se entende por essa categoria de textos literários, que abarca gêneros discursivos distintos, está intimamente atrelado ao entendimento do grupo social ao qual eles se destinam. Nesse sentido, deve-se perceber os modos como aspectos sociais, históricos, culturais e políticos atravessam as concepções de infância e de juventude e, conseqüentemente, reverberam na perspectiva a partir da qual pensam-se os textos potencialmente endereçados para esses públicos.

Em sentido diacrônico, a literatura infantojuvenil sofreu diferentes transformações, intrinsecamente vinculadas a noções valorativas definidas por diferentes agentes do campo literário: autores, editores e professores, por exemplo. De textos sobre os quais, a princípio, projetava-se uma série de princípios morais que deveriam ser difundidos na sociedade ainda nos primeiros anos de vida, ou ainda o

estigma de uma forma menor, tomada em termos hierárquicos, a literatura infantojuvenil é um produto cultural prismático, cujas particularidades devem ser colocadas no horizonte interpretativo, tanto ao revisitar obras do passado quanto ao confrontar textos atuais.

No contexto contemporâneo, os desdobramentos pelos quais passam essa categoria se expressam, principalmente, pela ampliação de vozes autorais, mundividências, temáticas, suportes e materialidades. Todos esses aspectos podem ser percebidos, de modo exemplar, na obra de Simone Mota. Com a análise realizada, procuramos demonstrar como a história de Carolayne, tanto por seus traços diegéticos quanto pelas características do livro enquanto objeto, inscreve-se nas tendências da literatura infantojuvenil que vem sendo produzida no Brasil. Um aspecto que evidencia essa conformidade é representado pelos procedimentos que dão forma às instâncias enunciadoras da história. Na narrativa, eles funcionam de modo a fisgar o leitor, tanto ao focar a interlocução constante (na primeira parte), quanto pela proximidade entre a voz de Carolayne (na segunda parte) e a potencial criança que segura o livro em suas mãos.

Ainda sobre a dimensão tátil do livro, identificamos como esse aspecto funciona como um atrativo a mais impresso na obra de Mota, uma vez que ele passa a ser também um convite ao contato com o livro no que pode ser o primeiro movimento de convocação do leitor em formação em direção à literatura. Mesmo na abertura, antes de virar as abas da capa, o agenciamento do leitor é convocado, pois a ele é delegada a possibilidade de decidir sobre a trajetória que irá compor o caminho a ser traçado por entre as páginas do livro-diário.

Em *Carolayne, Carolina*, os processos de elaboração formal decantam movimentos de recuperação de nossa memória cultural ao revisitar, pelo olhar de uma criança, a figura da escritora Carolina Maria de Jesus. No percurso da narrativa, isso é evidenciado pela descoberta das linhas que aproximam, e até mesmo fazem com que se toquem, a história familiar de Carolayne e a vida de Bitita. Consideramos, pois, que no avesso do comodismo ao qual a literatura infantojuvenil é tantas vezes relegada, o texto para crianças e jovens pode ser andaime para a construção da agudeza do olhar sobre a linguagem e a realidade circundante. Ou ainda, para dizer com Conceição Evaristo (2005), o texto não é apenas gesto de ternura, mas também de insubordinação que perturba os “sonos injustos” de alguns.

Referências

ANDRUETTO, M. T.. Por uma literatura sem adjetivos. *In*: ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Carmen Cacciaccaro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012. p. 52-70.

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decolonias**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 206-214.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2022.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 6. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 171-193.

COLOMER, T. **Introdução à literatura juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

CORONEL, L. P. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **estudos da literatura brasileira contemporânea**, n. 44, p. 271-288, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/XBQZV7mPBWgsrxGtDz9QgLm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 dez. 2023.

EVARISTO, C. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Correia. Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

GOULART, I. do C. V.; FERREIRA, N. S. de A.. Relações que entremeiam leitor e livro: da materialidade à afetividade. **Alabe Revista de Investigación Sobre Lectura y Escritura**, Almería, v. 6, n. 12, p. 1-16, 1 dez. 2015. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7518/6146>. Acesso em: 14 nov. 2023.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LAJOLO, M. Infância de papel e tinta. *In*: FREITAS, M. C. de (org.). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1997. p. 229 - 250.

MOTA, S. **Carolayne, Carolina e as histórias do diário da menina**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

PINHEIRO, M. P. Literatura infantil e juvenil: uma reflexão sobre a construção da infância e da adolescência. *In*: PAIVA, A. et al. (org.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 69 - 78.

PUREZA, F. C.; WELTER, J. V. “Palavras suaves para os operários”: trabalho e trabalhadores no projeto literário de carolina maria de jesus. **O Eixo e A Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 131-156, 2018. Disponível em: https://www.periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/28430. Acesso em: 11 ago. 2024.

VALIM, G. M.; NAVAS, D. A Literatura Juvenil e o Fenômeno Crossover: uma leitura de limite branco, de Caio Fernando Abreu. **Línguas&Letras**, Cascavel, v. 20, n. 47, p. 181-194, 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/22925/pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.